Comércio, serviços e agricultura não pedem imigrantes

Quotas. Estudo do Governo revela que o mercado não precisa da mão-de-obra estrangeira. Associações saem hoje à rua pedindo legalização para trabalhadores clandestinos

ANTÓNIO MANU ARQUIVO DN

Só na construção há dúvidas na necessidade de contratação, devido às obras públicas

ANA BELA FERREIRA

Sectores como o comércio, a agricultura, o têxtil, o calçado ou a prestação de serviços garantem não ter necessidade de mais mão de obra estrangeira no próximo ano. É isso que indica o estudo no qual o Governo se baseou para reduzir para metade a definição da quota para novos imigrantes. O sociólogo Pedro Góis garante que "eles vão continuar a chegar e a encontrar o seu emprego".

No estudo coordenado pelo Ministério do Trabalho e Solidariedade Social, a que o DN teve acesso, a indústria textil ou a agricultura falam de uma estagnação e estabilização da procura de mão-de-obra estrangeira. Outros, como os da prestação de serviços ou do calçado reconhecem também que não têm "necessidade acrescida" de novos imigrantes. Apenas no sector do construção, a contratação de mão-de-obra imigrante deverá depender da realização das grandes obras públicas, ainda não aprovadas. Os dados constam de um inquérito feito a 16 grandes, pequenas e médias empresas consideradas representativas do sectores, de forma a consolidar a informação sobre as oportunidades de emprego em 2009.

435 736

Imigrantes em 2007 (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), menos que em 2006.

8600

Contingente de mão-de-obra imigrante para 2008. Só 3250 vagas preenchidas.

Nas conclusões do estudo é aconselhado um valor não superior a 3800 vagas, precisamente o número fixado pelo Governo para a concessão de vistos de residência a cidadãos de fora da UE durante este ano.

A quebra para metade da quota de imigrantes é mais um motivo que vai levar hoje os imigrantes às ruas de Lisboa, numa Acção de Luta Europeia (ver texto ao lado). À qual se soma a necessidade de sublinhar a "enorme riqueza demográfica e económica e a diversidade de cultura que os imigrantes dão às sociedades", refere Timóteo Macedo, presidente da Associação Solidariedade Imigrante.

O investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, Pedro Góis, lembra que "a quota é apenas uma decisão política e não é um número real" e garante que "Portugal precisa de mão de obra imigrante". O sociólogo realça "o importante contributo económico, demográfico, cultural" destes trabalhadores estrangeiros.

"Não existe correlação entre o desemprego e a imigração", defende também o antigo Alto Comissário para a Imigração e Minorias, José Leitão. Pelo contrário, "é conhecido o empreendorismo de origem imigrante, porque quem vem para Portugal vem para trabalhar".

"Não concordo com a redução das quotas, que é um problema difícil", diz o ex-Alto Comissário para a Imigração e Minorias, António Vaz Pinto, que defende uma política de imigração "cuidadosa". ■

O que diz o mercado

Previsão de recrutamento de mão-de-obra imigrante, por sector de actividade profissional

Sector de Actividade	Necessidade de mão-de-obra imigrante
Construção - PME Centro	Sem necessidade
Construção - PME Grande Porto	Não está previsto
Construção Grande Empresa Grande Porto	Estabilização. Situação sensível ao arranque de algumas obras
Construção - Grande Grupo Grande Lisboa	Estabilização. Situação sensível ao arranque de grandes obras públicas
Agricultura Grande Empresa Alentejo	Estagnação. Sem necessidade
Agricultura PME Ribatejo	Estabilização
Agricultura Média empresa Norte	Ligeira quebra
Agricultura Grande empresa Norte	Estabilização na mão-de-obra nacional e imigrante
Indústria PME Calçado Norte	Estagnação
Indústria Grande empresa Têxtil Norte	Estagnação
Indústria PME Têxtil Norte	Decréscimo na necessidade de mão-de-obra em geral
Comércio Grandes superfícies Grande Lisboa	Necessidade mantém-se, não se prevendo um grande aumento, mantendo rácios de 2008, embora com abertura de menos lojas
Serviços a empresas Média empresa Centro	Estabilidade. Sem prejuízo de novas contratações dependentes da aprovação de algumas grandes obras públicas
Serviços a empresas Multinacional (Trabalho temporário) Lisboa	Estabilidade, com um possível ligeiro decréscimo
Serviços especializados PME (Limpezas) Lisboa	Ligeira estabilização, Mantendo-se os níveis de 2008

FONTE: CONTIGENTE DE OPORTUNIDADES DE EMPREGO NO PAÍS PARA TRABALHADORES IMIGRANTES EM 2009. MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL

"Sair à rua para lutar pela dignidade"

Acção de Luta Europeia também passa por Lisboa. Imigrantes vão sair à rua pedindo legalização

Os imigrantes saem hoje às ruas de Lisboa numa Acção de Luta Europeia. Uma iniciativa coordenada com outras cidades da Europa para levantar as suas vozes contra a Directiva do retorno e outras políticas da imigração. "Vamos sair à rua para lutar pela dignidade das pessoas que estão a trabalhar por este País e a lutar contra o trabalho ilegal e os patrões sem escrúpulos", explica Timóteo Macedo, da Associação Solidariedade Imigrante, uma das organizadoras da marcha.

A partir do Martim Moniz, os manifestantes querem contar com a participação de todos "até para esquecermos o que se passou na Bela Vista", apela o dirigente. "É importante que as pessoas estejam juntas e se unam para lutar pela dignidade de todos". A redução de quotas em Portugal é uma forma de "o Governo calar a extrema-direita". No entanto, acaba por "responder na negativa", avalia. Já Natacha Mota da Acção Humanista – Cooperação e Desenvolvimento (AHCD), defende que "um país é tanto mais rico quanto mais diversidade tiver e devia apostar nisso". ■

Empresas fecham portas a novos imigrantes

Estudo. Mercado mostra total desinteresse em contratar trabalhadores estrangeiros

Sectores como o comércio, agricultura ou prestação de serviços garantem não ter necessidade de mais mão-de-obra estrangeira no próximo ano. É isso que indica o estudo encomendado pelo Ministério do Trabalho e Solidariedade em que o Governo se baseou para reduzir para metade a quota de imigrantes este ano. Hoje, os imigrantes vão sair às ruas de Lisboa, numa acção de luta europeia pela legalização.

PAÍS, pág. 16